

Festival de Teatro de Almada

por **Eduardo M. Raposo**
eduardomraposo0@gmail.com

Na 43ª edição do Festival de Almada, a decorrer de 4 a 18 de julho em Almada, encontramos a marca perene do Teatro de texto, de clássicos como Tchecov - com quatro espectáculos: *Platónov*, pelo Tieffe Teatro - Teatro Menotti Milano, Itália, encenação de Peter Stein, *La Mouette* (A gaivota), pelo Théâtre-Studio, França, encenação Christian Benedetti, mas também “Só mais uma gaivota”, pela Formiga Atómica, Portugal, uma encenação de Miguel Fragata, texto de Inês Barahona e Miguel Fragata, com excertos de *A gaivota* de Anton Tchecov e *Ansioliticamente falando*, pela companhia Razões Pessoais, texto e encenação de Raquel Castro, também com excertos de “A gaivota”, deste dramaturgo.

Quatro espectáculos com textos ou a partir de Anton Tchecov. Mas também Samuel Beckett, Happy Days, pelo Teatro Meridional, encenação de Miguel Seabra e de Eugène Ionesco, Saudações, pela companhia anfitriã., Companhia de Teatro de Almada (CTA), uma encenação de Álvaro Correia. Estamos a falar em seis dos 19 espectáculos apresentados neste festival de Almada de 2026. Quase um terço da programação total do festival. Mas só de ou baseados em Anton Tchecov são quatro espectáculos num total de 19, isto é, mais de 1/5.

Anton Tchecov, um dos mais importantes e conhecidos dramaturgo e escritor - nomeadamente contista - russo, nasceu em Taganrog, no sul da Rússia no dia 29 de Janeiro de 1860,

Escreveu 14 peças de teatro e 574 contos, entre novelas e ensaios. Estudou medicina em Moscovo, enquanto trabalhava para pagar os estudos, tendo concluído em 1884 e começado a exercer nos arredores de Moscovo.

Veio a consagrar-se como grande dramaturgo com peças como A Gaivota em 1896, Tio Vânia, em 1899, As Três Irmãs em 1900 e O Cerejal em 1903.

Platónov

A sua primeira narrativa é publicada num jornal humorístico em 1880, desencadeando uma intensa colaboração com diversas publicações. Os seus primeiros textos dramáticos datam do final da década de 1880 (Ivánov). Mas “Platónov” será a sua primeira peça.

“Demasiado longa, demasiado violenta, demasiado imperfeita”, terá dita dela o autor, desta peça nunca representada e que só foi publicada em 1923, então sem título, com a designação de peça inédita.”

São cinco horas, com intervalo, e apesar de tão longa e muito anterior às suas peças mais icónicas, dá-nos o retrato perfeito da sociedade russa do seu tempo, entre a desilusão e a indefinição: “Ser jovem e ao mesmo tempo não ser idealista: que depravação.”, diz-nos Tchecov entre a ironia e a lucidez.

Esta peça foi apresentada no segundo dia do festival repetindo no dia 6, na Sala Principal do Teatro, Municipal Joaquim Benite (TMJB).

Encenada por Peter Stein (Alemanha, 1937), “mestre indiscutível da encenação de um teatro filológico, rigoroso e profundamente humano” figura com uma presença assídua no Festival de Almada, assina nesta 43ª edição uma produção do Tieffe Teatro – Teatro Menotti de Milão (com o qual já tinha colaborado há 15 anos numa adaptação de *Os demónios*, de Dostoiévski). “De novo Stein traz-nos a sua capacidade de ler os textos clássicos com uma chave contemporânea, mantendo intacta a sua complexidade. (...) Esta é a história de um homem cheio de talento e de charme, mas incapaz de encontrar o seu lugar no Mundo.

Esta personagem perde-se constantemente em pensamentos, oscilando entre os seus desejos e medos. É o primeiro exemplo do género de homens que encontraremos mais tarde noutras peças do autor.”

Nas palavras de Peter Stein: “Encenar este texto representa para mim uma tarefa repleta de receios e de esperanças. Mas vale a pena. Poucos textos teatrais nos oferecem tanta riqueza humana, poética e dramática. Tchecov, mesmo ainda muito jovem, já tinha percebido tudo”.



Platónov - @Manuela Giusto



La Mouette



La mouette

Outra peça de Tchecov, La mouette, será apresentada no dia 18, a encerrar o Festival de Almada. Sobre esta peça emblemática ouçamos Tchecov: Estou a escrever, não sem algum prazer, uma peça que vai contra todas as regras da dramaturgia. Quatro papéis femininos e cinco masculinos, uma vista para um lago, uma conversa sobre literatura e arte, pouca acção e cinco toneladas de amor”.

Por outro lado, para o encenador, que também é actor e director do Théâtre-Studio, em Alfortville desde 1997, Christian Benedetti (França, 1958), “esta peça consiste num ‘regresso a casa’ e é por isso que volta constantemente a ela.”

Esta obra-prima da dramaturgia mundial é uma excelente opção para encerrar o festival, ou não tivesse *A gaivota* representado no final do século XIX “uma verdadeira revolução literária e teatral. E continua a ser um dos textos essenciais da dramaturgia e da literatura mundiais”, que se saboreia sempre com imenso prazer.

Sobre esta produção diz-nos o encenador: “Tchecov questiona as nossas capacidades, os nossos meios e as nossas obrigações, questiona a construção ou a destruição do lugar do espectador”, pelo que o

encenador decidiu iluminar tanto o palco quanto a plateia, passando o espectador a participar também no espectáculo. A não perder no Palco Grande da Escola D. António da Costa, dia 18, 22h.

Saudações

De outro dos autores referidos, Eugène Ionesco (1900-1994), a companhia residente, a CTA, tem em cena na Sala Experimental do TMJB, intercaladamente, entre os dias 5 e 17, o espectáculo “Saudações”, que inclui três peças curtas de Ionesco: As Saudações, O novo inquilino e Delírio a dois.

Neste espectáculo, a partir das referidas peças em que Ionesco, com encenação “usa o nonsense e o exagero para criar efeitos cómicos perturbadores, misturando o trivial com um estranhamento.” Jogos de palavras, caso da 1ª peça, mas também repetições, por vezes sem sentido, reflexo de dificuldade ou impossibilidade da comunicação entre as personagens.

“O seu teatro é seguramente o mais estranho e mais espontâneo”, refere, a propósito do dramaturgo romeno, o director das Éditions Gallimard, Jacques Lemarchand, aquando da publicação da obra



Saudações: @Rui Mateus



sob o signo de Tchehov

integral de Ionesco, em 1991.

Prossegue Lemarchand: “O seu único objectivo é surpreender – como se isso fosse fácil! A verdade é que eu, quando me sento na minha cadeira de espectador ou de leitor face a Ionesco, nunca consigo adivinhar de onde é que virão os golpes, nem onde me atingirão. No fundo sinto-me um verdadeiro alvo, e constato com alegria que estou diante de um atirador tão certo quanto Buffalo Bill.”

Happy Days

Do outro autor Samuel Beckett (1906-1989), o Teatro Meridional, com encenação de Miguel Seabra – o actor e encenador que dirige nesta edição “O Sentido dos Mestres” – traz-nos este espectáculo do dramaturgo, Prémio Nobel da Literatura (1969), mestre do Teatro do Absurdo.

Este “Happy Days” tem três apresentações no Fórum Municipal Romeu Correia, nos dias 7, 9 e 11. Neste espectáculo a personagem Winnie, interpretada pela actriz Mónica Garnel que “enterrada da cintura para baixo, comanda um mundo de objectos e ilusões e está ali, ilusoriamente, resistindo à passagem do tempo.”

O encenador deste monólogo, a propósito do Teatro de Beckett diz-nos:

“Beckett é alguém que percebeu como poucos a falência das narrativas de sentido e a fractura entre linguagem, pensamento e mundo. Para mim, quando o leio – intuitivo, emocional e racionalmente – Beckett é luminoso. É positivo. Convoca a esperança. As suas personagens e os respectivos percursos contradizem essa evidência superficial de caos e do fim. Parece dizer-nos, num plano filosófico, existencial e quase anímico, que a luz só se encontra atravessando o inferno, que o nada é condição para tocar o todo, que a desesperança precisa de ser atravessada para que a esperança não seja sempre adiada para um futuro abstracto.” E conclui: “Esta é uma peça de resistência. E, como toda a resistência, é profundamente política. Um teatro que convoca a liberdade. Agora e sempre.”

Variedades

O Festival de Almada, este ano novamente com extensão a Lisboa, como já é tradição, apresenta pela primeira vez, no Parque Mayer onde está sedado o Teatro Variedades o espectáculo homónimo, nos dias 9 a 12 e 15 a 17, ao fim de semana à tarde. É um espectáculo que está em cena até 16 de Agosto.

Variedades (como uma opera bufa, erótica e satírica), em que dez actores/actrizes e seis músicos trazem-nos a história de 100 anos de Teatro Variedades, que surgiu em 1926, no ano do golpe que instaurou a ditadura militar, depois o (velho) Estado Novo – Constituição de 1933, Censura que controlava a vida, a imprensa e as Artes, nomeadamente o Teatro - II Guerra Mundial, a (falsa) “abertura” marcelista, 25 de Abril, Portugal democrático... 100 anos.

“Este espectáculo é uma homenagem a encantados e apaixonados pelos teatros do Parque Mayer: Palmira, a varina da Madragoa; António, o ardina; Carmem, a corista reformada, Jacinto, o proprietário de um restaurante ribatejano; Mariquinhas, a rapariga das barracas de tiro; Cigano, o marujo; Catarina, a costureira; Camarão, o apostador; Zé, a escritora que nunca chegou a ser publicada; Tremidinho, o vendedor de coplas.

Entre cenas, canções e episódios de diferentes épocas, cruza-se a realidade e a ficção num registo que oscila entre o musical, a Revista e a ópera bufa.”

Estamos perante um espectáculo, com personagens-tipo, que nos leva num percurso por 100 anos de Lisboa... de Portugal.

Um espectáculo que recria “um universo em que se confundem Marlene Dietrich e Irene Isidro; um mundo que talvez nunca tenha existido, onde as dez personagens ostentam traços de caricaturas de George Grosz, entre o sonho e a realidade. Um espectáculo de Fernando Heitor, Flávio Gil (textos) e João Paulo Soares - direcção musical e originais. Participação musical de Simone de Oliveira. Uma produção de Lisboa Cultura.

Para cena, quem é de cena... Pois, como dizia o Mestre Almada Negreiros: “O importante é o espectáculo!”



Happy - Days - @AnaLopesGomes e @SusanaMonteiro



Variedades - ©Estelle Valente



Brel - @AnnevanAeschot

Brel

Finalmente, outro dos espectáculos deste festival em destaque Brel. É apresentado no CCB, Grande Auditório, nos dias 11 e 12.

Trata-se da companhia belga Rosas, em que a música de Jacques Brel é o pretexto, ou a música de fundo para um espectáculo de coreografia e dança interpretado pela coreógrafa belga Anne Teresa De Keersmaeker, “referência da Dança Contemporânea nos últimos 45 anos” e pelo jovem bailarino e coreógrafo francês Solal Mariotte, que a partir dos temas (e imagens) de Jacques Brel (Bélgica, 1929-1978) constroem “um espectáculo explosão resultante do encontro dos universos destas três pessoas de três gerações diferentes”.

Brel dá, de certa forma, continuidade à exploração da ‘coreografia de canções’ ao solo coreográfico criado por Anne Teresa De Keersmaeker, em 2002, Once, com música de Joan Baez, no âmbito da residência artística que a sua companhia Rosas, (1983), teve no Teatro de Ópera de Bruxelas (1992-2007).

“Esta criação consiste numa exploração das falhas e dos desfasamentos temporais que uma releitura da famoso repertório de Brel revela à Luz da nossa época”, em que os temas atemporais e a forma única como Brel em palco se entregava ao público são o contexto, mas ao mesmo tempo o cerne no encontro de três criadores de gerações diferentes.

Nesta edição do Festival de Almada em que o actor e encenador Fernando Gomes é o homenageado, e é alvo de excelente, bela, pungente, magnífica exposição “A Paródia de um Rei sem Palácio” como só o (Amigo) José Manuel Castanheira, grande cenógrafo e artista plástico, sabe fazer.

Também do maior interesse a Exposição “Espelho de Ver por Dentro. O Teatro no Neorrealismo”, uma grande produção que nos guia até aos escritores, actores, encenadores e... à inevitável censura, em pleno salazarismo.

Uma exposição muito oportuna nos tempos que correm, com curadoria de Miguel Falcão e Direcção de Arte de Artur Pinheiro.

E apesar das dificuldades, da difícil sustentabilidade em continuar este festival em que esta edição que ronda os 631 mil euros os apoios financeiros estão há anos por actualizar, caso do apoio da CMA, entidade parceira, que participa com cerca de um terço, valor que não é actualizado desde 2015, como refere Rodrigo Francisco, director do Festival e da CTA, em entrevista recente ao Observador.

Apesar das dificuldades, e fazemos votos que as entidades nacionais e autárquicas percebam/valorizem o carácter estruturante deste Festival de Almada, referência nacional e europeia, até dia 18, nos vários equipamentos por Almada e em Lisboa – os dois referidos, vá ao teatro, usufrua... e saboreie a música ao início da noite na Esplanada da Escola D. António da Costa, onde também, ao final da tarde, decorrem 10 colóquios, onde criadores e público interagem...